

Literatura e feminismo: o Clube de Leitura Leia Mulheres Marília

Literature and feminism: Book Club Leia Mulheres Marília

Ana Laura Laura Silva Xavier

Mestranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, campus de Marília.

E-mail: analaura.sx@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta um breve histórico dos clubes de leitura do século XVII ao século XXI como espaço de articulação e organização cultural, política e social entre mulheres, além de problematizar o escasso protagonismo para a mulher na literatura. Tem por objetivo central relatar as experiências do Clube de Leitura Leia Mulheres no município de Marília, São Paulo. Os Clubes de Leitura possibilitam a troca de experiências e no caso do Leia Mulheres alia a proposta de incentivar a leitura e discussão de obras escritas por mulheres perpassando os diversos gêneros e temáticas e contemplando autoras de variadas nacionalidades. Busca abrir espaço no mercado literário e editorial para a autoria feminina por meio de encontros mensais mediados também por mulheres em vinte e cinco estados brasileiros.

Palavras-chave: Clube de Leitura. Autoria feminina.

Abstract

This article presents a brief history of book clubs from the 17th to 21st century as a space for articulation and cultural, political and social organization among women, as well as problematizing the scarce role for women in literature. Its main objective is to report the experiences of the Book Club Leia Mulheres in Marília, São Paulo. The Book Clubs allow the exchange of experiences and in the case of Leia Mulheres, the proposal to encourage the reading and discussion of works written by women across different genres and themes and contemplating authors of various nationalities. It seeks to open space in the literary and editorial market for female authorship through monthly meetings also held by women in twenty-five states of Brazil.

Keywords: Book clubs. Female author.

Introdução

Os clubes de leitura contemporâneos possuem raízes ligadas aos grupos puritanos de estudos bíblicos e aos salões parisienses do século XVII e XVIII. Articulados em sua maioria por mulheres brancas de classe média e alta, as discussões eram relacionadas à Literatura e Filantropia (BOWDEN, 1930).

Por volta de 1800, uma nova corrente de clubes e sociedades literárias emergiu. Uma estimativa aponta a existência de 680 clubes ou sociedades literárias nos Estados Unidos em 1939. Uma das mais célebres, a *Sorosis*, fundada em 1868, surgiu, após um grupo de mulheres serem impedidas de participar de um jantar em homenagem a Charles Dickens no ano anterior (BOWDEN, 1930; WARD, 1906).

O vigésimo primeiro aniversário da *Sorosis* constituiu a *Geral Federation of Women's Clubs*. Voltadas para as questões culturais, econômicas, políticas e sociais, a Federação atua até hoje nas comunidades estadunidenses (GFWC, 2018).

Historicamente subversivos, os Clubes de Leitura possibilitaram a criação de um vínculo de apoio, aprendizado e resistência entre as mulheres. Atualmente, há a ampliação de novos grupos voltados principalmente para a conscientização política (FALLON, 2017).

A popularização dos Clubes de Leitura no século XXI se deve primordialmente a criação de clubes por famosos. Percursora deste movimento, a apresentadora Oprah Winfrey manteve o *Oprah's Book Club* por seis anos em seu programa de televisão. O clube impactou diretamente no número de leitores e de vendas, democratizando a leitura (HALL, 2003). Além da Oprah, as atrizes Emma Watson, Ema Roberts e Reese Whinterspoon criaram projetos de leitura on-line.

Por meio de encontros regulares presenciais ou não, os Clubes de Leitura possibilitam a troca de experiências sobre livros e leituras selecionadas previamente por um mediador ou por votação. Também denominado como Clube do Livro, neste trabalho o uso do primeiro termo é empregado, visto que no Brasil a ideia de Clube do Livro remete a assinaturas mensais de livros pré-selecionados por uma editora ou curadoria especializada em determinado assunto.

Na literatura brasileira, a temática é escassa apesar da crescente propagação de Clubes de Leitura. Países como Canadá, China e Estados Unidos possuem pesquisas sobre a participação de crianças, jovens e adultos nos Clubes (FIGUEIREDO, 2017).

Steffens et al (2016) destaca que os Clubes de Leitura são uma importante ferramenta de interação social. A partilha de pontos de vista, opiniões e experiências pessoais, além de conhecer pessoas com interesses em comum são aspectos significativos ao participar de um Clube de Leitura.

Assim, este artigo objetiva relatar as experiências do Clube de Leitura Leia Mulheres no município de Marília, São Paulo. O Clube tem por intuito a leitura e discussão de obras escritas por mulheres de modo a ampliar o mercado editorial e literário destinado à autoria feminina. Propõe inicialmente a abordagem do escasso protagonismo para as mulheres no meio literário seguido de uma descrição do projeto Leia Mulheres e Leia Mulheres em Marília.

A Mulher na Literatura e no Mercado Editorial

Em sua obra “Um teto todo seu” (2014), a escritora inglesa Virginia Woolf pontua três aspectos imprescindíveis para que uma mulher viesse a ser escritora no século XIX: usufruir de um espaço próprio e silencioso, pertencer a uma família rica ou muito nobre e ter a indiferença do mundo. A primeira e a segunda condição mencionadas são concomitantes desde que – sinaliza a autora – a quantia oferecida pelos pais fosse superior às necessidades básicas da filha. A última implica em ser livre das amarras e julgamentos historicamente impostos ao feminino.

Ser uma escritora implicaria na adoção de uma carreira e vida pública, contextos estes impraticáveis para as mulheres, visto que significava o “[...] “risco de perder a virtude”, já que se associava o público com a ideia de desgraça moral” (NOVAES, 2015, p. 54-55). Saber, para uma mulher, seria sempre em âmbito privado sob tutela do pai, irmão ou marido e no máximo, para a educação dos filhos.

A distinção entre papéis sociais entre os sexos naturalizou a ideia de que as mulheres tinham aptidões para atuar exclusivamente na esfera doméstica, voltada para a intimidade, afetividade, cuidados e reprodução. Ao homem, cabia o cérebro, a inteligência e a razão. Assim, as ambições femininas deviam concentrar-se no matrimônio e na maternidade, fora disso remanesciam os lugares de beata e freira (NOVAES, 2015; MORAIS, 2007; PERROT, 1995).

Assim como em outros lugares, a concepção de uma educação para as meninas foi limitada em território brasileiro. Entre os anos de 1758 a 1870 o ensino segregado (por sexo) passa a vigorar (STAMATTO, 2002). Porém, observa-se uma distinção entre a educação

feminina e masculina. A primeira voltava-se para o ensino dos manejos do lar, costuras e bordados, além das “prendas sociais” como canto, dança, desenho e música. Em contrapartida, os cursos voltados aos públicos masculinos abordavam as Ciências em sua amplitude (SILVA, 1974).

Se as barreiras sociais, financeiras e/ou educacionais não impediam uma mulher de tornar-se escritora, dois caminhos se materializavam para evitar a transgressão das normas públicas: ocultar a autoria ou adotar um pseudônimo masculino: Maria Firmina dos Reis assinou como “uma escritora maranhense”; Currer, Ellis e Acton Bell eram Charlotte, Emily and Anne Brontë; Graciliano Ramos atribuiu “O quinze”, de Rachel de Queiroz, a um “barbado” que se utilizou de um nome feminino; Joanne Kathleen Rowling, a pedido da editora, abreviou as iniciais para que os meninos não se sentissem inibidos (COSTA, 2018; ZINANI, 2014).

Há a restrição de gêneros literários apropriados as mulheres. Primeiramente, as cartas e os diários e posteriormente, as poesias e os romances (NASCIMENTO, 2015). No mundo pós-moderno, o chick lit – ou literatura para *mulherzinhas* – desperta críticas sexistas e status de não literatura.

Zinani (2014) aponta que os estudos de gênero demonstram que a questão da marginalidade feminina persiste em todos os segmentos da sociedade, dentre eles, a produção intelectual. Segundo dados de 2017 da Women Literacy in Arts – VIDA das 15 publicações analisadas, apenas duas possuíam 50% ou mais de textos escritos por mulheres (KING; CLARK, 2018).

Além da disparidade de gênero difundida no mercado editorial, a representatividade dentro dos livros também é escassa. Conforme Dalcastagnè (2012), as personagens são, em sua maioria, brancas, do sexo masculino e de classe média com a predominância de estereótipos que refletem os padrões de exclusão da sociedade brasileira.

O surgimento do Leia Mulheres

O espaço criativo da escrita foi renegado às mulheres de modo que resquícios desta proibição se faz presente nos dias atuais. Quando se indaga acerca da leitura de obras escritas por mulheres, este número costuma ser baixíssimo se comparado com a leitura de autores homens. Se especificado a autoria atribuída a mulheres negras, indígenas e/ou orientais os resultados são ainda mais baixos.

No ano de 2014, um guia listou 101 escritores contemporâneos essenciais, destes apenas 14 eram mulheres (ROSA, 2016). Neste mesmo ano, a escritora e ilustradora inglesa Joanna Walsh propôs a *#readwomen2014* como modo de propagar a leitura de obras escritas por mulheres. Lousa e Santos (2016, p. 65) pontuam que

A pedido de seus seguidores, Walsh transformou as postagens em listas para serem compartilhadas. Nesse ínterim, muitas livrarias gostaram da ideia e criaram espaços dedicados a livros escritos por mulheres. Escritoras passaram a usar a *hashtag* para divulgar seus lançamentos, e leitores postaram sobre seus livros preferidos. Então, o espaço virtual de emancipação virtual se expandiu para o espaço físico.

Um ano depois, no Brasil, Juliana Gomes convidou Juliana Leuenroth e Michelle Henriques para transformar a ideia em eventos presenciais (LEIA, 2018). Nos meses seguintes, o projeto se propagou para o Brasil, tendo o contato via redes sociais como ferramenta central na difusão do Clube. Atualmente, são 105 municípios em 25 estados brasileiros. Recentemente, ocorreu a formação de um Clube na cidade do Porto, em Portugal. A mediação é feita por 245 mulheres¹.

Os encontros ocorrem em cafés, livrarias, bibliotecas, centros culturais, escolas, parques ou universidade conforme critério da mediação local. Algumas cidades optam por encontros itinerantes (cada mês ocorre em um local pré-determinado). As obras debatidas são indicadas pelas mediadoras e/ou participantes, variando conforme perfil do público.

¹ Dados coletados por meio do site do Leia Mulheres <<https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>> em 13 de novembro de 2018.

Leia Mulheres Marília – leituras e experiências

No município de Marília, cidade localizada no centro oeste do estado de São Paulo, o Leia Mulheres iniciou a divulgação em março com a realização do primeiro encontro em abril de 2018. Acontece mensalmente aos sábados na Biblioteca Municipal de Marília “João Mesquita Valença” no período da tarde. A escolha do local decorreu devido esta ser localizada no centro da cidade, possuir um prédio atrativo, abrir uma vez por mês aos sábados e emprestarem os títulos lidos no Clube.

Os exemplares indicados para leitura e discussão são feitos pelas mediadoras ou por votação prévia, sempre de fácil acesso, baixo custo financeiro e disponível para empréstimo na Biblioteca para que o público em geral possa participar. A medição é feita por duas mulheres, Ana Xavier, bacharela em Biblioteconomia e mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Marília e, Raisa Oliveira, licenciada em Letras, professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual e mestranda em Letras pela UNESP de Assis.

Aberto para homens e mulheres, o perfil do público é predominantemente feminino com curso superior e/ou pós-graduação completa ou em andamento. A faixa etária varia conforme a temática abordada. Os títulos selecionados contemplam diversos gêneros e temáticas, além de visibilizar autoras de nacionalidades variadas.

A divulgação ocorre por meio das redes sociais, grupo no *Facebook*, *WhatsApp* e perfil no *Instagram*. Nos três primeiros encontros, a colagem de *folders* em diversos locais do município também foi uma estratégia adotada para que o evento fosse conhecido.

A primeira obra discutida foi “Frankenstein” (também conhecido como “O Prometeu Moderno”) da escritora inglesa Mary Shelley. Considerado a primeira ficção científica, está em domínio público e em 2018 completou 200 anos de publicação. Tais motivos culminaram na escolha para início do Clube de Leitura em Marília.

Motivada por uma disputa entre amigos sobre quem escreveria a melhor história de terror, Shelley escreveu o romance publicado em anonimato em 1818. Teve autoria reconhecida apenas na segunda edição em 1823. A trama aborda o experimento científico de Victor Frankenstein em criar um ser humano.

Foi numa noite abominável de novembro que contemplei a realização de minha labuta. Com uma ansiedade que quase equivalia a agonia, coloquei a meu redor os instrumentos de vida, para que eu pudesse incutir uma centelha de ser na coisa inanimada que jazia aos meus pés. Já era uma da manhã: a chuva tamborilava no vidro de forma sombria, e minha vela estava quase toda consumida quando, no bruxulear da luz semiextinta, vi o olho amarelo e embotado da criatura abrir; respirava pesadamente, e um movimento convulsivo agitava seus membros (SHELLEY, 2017, p. 63).

Neste encontro, a discussão pautou-se na importância de adquirir algum tipo de linguagem para que a interação humana se concretize e a diferenciação de papéis entre homens e mulheres na sociedade apresentada pelo livro

“Outros jeitos de usar a boca” da poetisa indiana Rupi Kaur publicado em 2015 foi o segundo título abordado. A autora amplamente conhecida pela sua conta no *Instagram*, fez deste encontro um dos mais procurados pelo público jovem com relatos profundos acerca do machismo vivenciado diariamente. Assim como ocorreu anteriormente, a escolha deu-se por uma das mediadoras.

Dividido em quatro partes (a dor, o amor, a ruptura e a cura), Kaur aborda questões relacionadas ao amor, perdas, sexualidade, feminismo e feminilidade por meio de poesias e ilustrações. A linguagem simples e de extensão curta, sem dúvidas, favoreceu o interesse pela obra.

Quero pedir desculpa a todas as mulheres
Que descrevi como bonitas
Antes de dizer inteligentes ou corajosas
fico triste por ter falado como se
algo tão simples como aquilo que nasceu com você
fosse seu maior orgulho quando seu
espírito já despedaçou montanhas
de agora em diante vou dizer
você é forte ou você é incrível
não porque eu não te ache bonita
mas porque você é muito mais do que isso (KAUR, 2017, p. 179).

Em seguida, a discussão pautou-se no primeiro romance da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. O romance ambientado na Nigéria traça a história da adolescente Kambili e sua família fortemente influenciada pelo colonialismo branco.

Papa sentou-se à mesa e encheu uma xícara usando o serviço de chá de porcelana com flores cor-de-rosa nas bordas. Esperei que ele oferecesse um gole para mim e outro para Jaja, como sempre fazia. Um gole de amor, era como Papa chamava aquilo, pois a gente divide as pequenas coisas que amamos com as pessoas que amamos. Deem um gole de amor, dizia ele, e Jaja ia primeiro. Depois eu segurava a xícara com as mãos e a levava aos lábios. Um gole. O chá estava sempre muito quente, sempre queimava minha língua, e se comêssemos algo apimentado no almoço minha língua ferida me machucava (ADICHIE, 2011, p. 17).

O encontro abordou as consequências do imperialismo europeu perante as sociedades africanas como a substituição das religiões locais pelo catolicismo. As condições financeiras nas universidades nigerianas possibilitou uma comparação com as universidades brasileiras. A inocência, o primeiro amor e a compreensão de mundo de Kambili foram aspectos que emocionaram grande parte dos presentes.

“Hibisco roxo” foi o primeiro título votado pelo público por meio de uma enquete no grupo do *Facebook*. As duas opções remanescentes na enquete, constituíram a ideia de “Cronograma de Leitura” do Clube, facilitando assim a compra antecipada, empréstimo e planejamento entre os frequentadores.

A quarta obra escolhida pelos participantes foi “Quarto de Despejo” da escritora brasileira Carolina Maria de Jesus. Neste encontro, os integrantes eram mais velhos com profissões ligadas principalmente ao ensino.

Por meio de um diário, Carolina relata a vida difícil que ela e os três filhos levam em uma favela na cidade de São Paulo. A fome e a pobreza extrema são pontos frequentes na narrativa e que impactaram os participantes por meio de uma reflexão acerca do papel social que figuras como a de Carolina Maria de Jesus representam em nossa sociedade.

21 DE MAIO Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Por que eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha (JESUS, 1960, p. 35).

Em agosto, a escritora brasileira Clarice Lispector foi contemplada por meio da sua obra “A hora da estrela”. As características do público anterior se mantiveram. É o último livro escrito por Clarice retrata Macabéa, alagoana órfã de pai e mãe, que migra para o Rio de Janeiro, onde trabalha como datilógrafa.

Macabéa sentou-se um pouco assustada porque faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho. E bebeu, com cuidado pela própria frágil vida, o café frio e quase sem açúcar. Enquanto isso olhava com admiração e respeito a sala onde estava. Lá tudo era de luxo. Matéria plástica amarela nas poltronas e sofás. E até flores de plástico. Plástico era o máximo. Estava boquiaberta (LISPECTOR, 1998, p. 72).

No sexto encontro, a obra poética “Júbilo, memória e noviciado da paixão” da escritora brasileira Hilda Hilst foi abordada. A indicação ocorreu devido à autora ter sido homenageada em 2018 na Festa Literária de Paraty – FLIP.

IX

Tenho meditado e sofrido.
 Irmanada com esse corpo
 E aquático jazigo

Pensando

Que se a mim não me deram
 Esplendida beleza
 Deram-me a garganta
 Esplandecida: a palavra de ouro
 A canção imantada
 O sumarento gozo de cantar
 Iluminada
 Ungida
 Preexistida e exata

Apenas tu, Dionísio, é que recusas
 Ariana suspensa em tuas águas (HILST, 2018, p. 67)

A poesia amorosa, mística e inquietante de Hilda, fez-se deste encontro um dos menos prestigiados. Poucos se identificaram com a obra, apesar de ser uma das mais lidas e estudadas da autora. A mediação permaneceu vigilante com questões constantes acerca da obra para que a discussão se desenvolvesse.

O título subsequente foi “Eu sou Malala” da paquistanesa Malala Youszfaí em conjunto com a jornalista britânica Christina Lamb.

Foi a escola que me fez seguir em frente naqueles dias sombrios. Quando andava na rua, parecia-me que cada homem com quem eu cruzava podia ser um talibã. Escondíamos nossas bolsas e nossos livros sobre o xale. Meu pai sempre dizia que a coisa mais bonita nas aldeias, toda manhã, era ver as crianças usando uniformes escolares. Mas agora tínhamos medo de usá-los (YOUSZFAI, 2013, p. 145).

O relato biográfico de Malala atraiu estudantes do ensino médio para a discussão que se baseou principalmente no direito a educação existente no Brasil, mas negligenciado por parte dos alunos, professores, direção e governo. Muitas das características políticas e sociais mencionadas dialogaram em totalidade com a realidade brasileira.

No mês de novembro, foi selecionado “Olhos d’água” da escritora brasileira Conceição Evaristo mediante dois aspectos: a candidatura da mesma à Academia Brasileira de Letras e dia da Consciência Negra (20 de novembro).

Nos últimos tempos na favela, os tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Os componentes dos grupos rivais brigavam para garantir seus espaços e freguesias. Havia ainda o confronto constante com os policiais que invadiam a área. O irmão de Zaíta liderava o grupo mais novo, entretanto o mais armado. A área perto de sua casa ele queria só para si. O barulho seco de balas misturava à algazarra infantil. As crianças obedeciam à recomendação de não brincarem longe de casa, mas às vezes se distraíam. E, então, não experimentavam somente as balas adocicadas,

suaves, que derretiam na boca, mas ainda aquelas que lhe dissolviam a vida (EVARISTO, 2016, p. 76).

A escrita poética e muito bem construída foi uma das mais aclamadas pelos participantes do Clube. A temática realista, dura e cruel que perpassa os contos, ocasionou em uma discussão conflagrada acerca dos direitos negados à população negra, principalmente no que tange as mulheres negras.

Como parte do cronograma votado, o mês de Dezembro contará com a discussão de “Metade cara, metade máscara” escrito por Eliane Potiguara. O título foi indicado por uma participante para que o protagonismo indígena fizesse-se presente no Clube. A autora retrata a história do povo indígena brasileiro por meio de uma perspectiva biográfica e poética.

Com relação à cultura indígena, a mulher é uma fonte de energias, é intuição, é a mulher selvagem não no sentido primitivo da palavra, mas selvagem como desprovida de vícios de uma sociedade dominante, uma mulher sutil, uma mulher primeira, um espírito em harmonia, uma mulher intuitiva em evolução para com sua sociedade e para o bem-estar do Planeta Terra. Essa mulher não está condicionada psicológica e historicamente a transmitir o espírito de competição e dominação segundo os moldes da sociedade contemporânea. O poder dela é outro. Seu poder é o conhecimento passado através dos séculos e que está reprimido pela história (POTIGUARA, 2018, p. 45).

Em seguida, “O conto da aia” da canadense Margaret Atwood foi selecionado. Em 2017, uma série televisiva baseada no livro foi lançada, influenciando grande parte dos participantes – que assistiram ou souberam da temática abordada – a votar no título.

Isto é uma reconstrução. Tudo, cada detalhe, é uma reconstrução. É uma reconstrução agora, em minha cabeça, enquanto estou deitada estendida em minha cama de solteiro, ensaiando o que deveria ou não ter dito, o que deveria ou não ter feito, como deveria ter feito meu jogo. Se algum dia eu sair daqui... Vamos parar nesse ponto. Pretendo sair daqui. Isto não pode durar para sempre. Outros pensaram essas coisas, em tempos difíceis antes deste, e estavam sempre certos, conseguiram sair de uma maneira ou de outra, e não durou para sempre. Embora para eles tenha durado todo o para sempre que tinham (ATWOOD, 2017, p. 163).

O romance distópico publicado em 1985 relata o controle sofrido pelas mulheres com atribuições pré-determinadas pelo Estado. A República de *Gilead* foi construída sob as bases puritanas do século XVII.

Por fim, “Dias de Abandono” é o último título do cronograma atual. Assinado pelo pseudônimo de Elena Ferrante, a identidade real da autora mantém-se em segredo. O romance retrata a vida de Olga, abandonada recentemente pelo marido.

A alma é só vento inconstante, senhor Carrano, vibração das cordas vocais, tanto para fingir ser alguém, alguma coisa. Mario foi embora – disse – com uma garotinha de vinte anos. Havia me traído com ela por quase cinco anos, em segredo, um homem duplo, duas caras, dois fluxos separados de palavras. E agora havia desaparecido, deixando a mim todos os problemas: os seus filhos para cuidar, a casa para arrumar, e até o cachorro, o estúpido Otto. Eu estava assoberbada. Pelas responsabilidades, como disse, não por outra coisa. Dele não importava nada. As responsabilidades que antes nós compartilhávamos agora eram todas minhas, até a responsabilidade de não saber manter vivo o nosso relacionamento (FERRANTE, 2016, p. 75).

Posteriormente, um novo cronograma de leitura será iniciado dando continuidade aos encontros do Clube.

Considerações finais

Os clubes de leitura se articularam historicamente como um importante polo de discussões literárias e sociais. Predominantemente, feminino possibilitaram a criação de um elo entre as mulheres frente a sociedades machistas e patriarcais. No século XXI, propiciam a interação entre sujeitos e o estímulo a leitura associados a um forte protagonismo político.

Diante da escassez de mulheres no mercado editorial e literário, a adoção de um Clube de Leitura voltado exclusivamente obras de autoria feminina foi a estratégia adotada para ampliar o debate acerca da equidade de gênero.

No município de Marília, a existência do Leia Mulheres tem se mostrado pertinente perante a comunidade, visto que atrai um alto número de participantes interessados nas leituras e discussões propostas, além de contribuírem ativamente na indicação e seleção dos títulos.

Referências

- ADICHIE, C. N. **Hibisco roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ATWOOD, M. **O conto da aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BOWDEN, A. O. The women's club movement: an appraisal and prophecy. **The Journal Of Education**, Boston, v. 9, n. 111, p. 257-260, mar. 1930. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/42838627>>. Acesso em: 17 nov. 2018.
- COSTA, C. **As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos: e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros**. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>>. Acesso em: 13 nov. 2018.
- DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.
- EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- FALLON, C. **Ladies who book club have always been the glue of resistance**: women's book clubs, in particular, have a subversive history. 2017. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/ladies-who-book-club-have-always-been-the-glue-of-resistance_us_595db02de4b02e9bdb0a3454>. Acesso em 05 dez. 2018.
- FERRANTE, E. **Dias de abandono**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.
- FIGUEIREDO, J. A. **Um estudo de caso do conceito de clube do livro a partir de uma obra literária**. 2017. 59 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- GENERAL FEDERATION OF WOMEN'S CLUBS. **History and mission**. 2018. Disponível em: <<https://www.gfwc.org/who-we-are/history-and-mission>>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- HALL, R. M. The "Oprahfication" of literacy: reading "Oprah's Book Club". **College English**, Urbana, v. 65, n. 6, p. 646-667, jul. 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/3594275.pdf?refreqid=excelsior%3Adef22750a52c829f4ea0fced58715f2ca&seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 20 nov. 201
- HILST, H. **Júbilo, memória, noviciado da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 7. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- KAUR, R. **Outros jeitos de usar a boca**. 21. ed. São Paulo: Planeta, 2017.
- KING, A.; CLARK, S. **The 2017 VIDA Count**. 2018. Disponível em: <<https://www.vidaweb.org/the-2017-vida-count/#Introduction>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

LEIA Mulheres. **Sobre nós**. 2018. Disponível em: <<https://leiamulheres.com.br/sobre-nos/>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOUSA, P. L.; SANTOS, M. C. D. Leia mulheres: literatura, emponderamento e divulgação da autoria feminina em Goiânia. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 62-77, out. 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/11417/10706>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

MORAIS, P. A. **Esta antiga e nova mulher**. 2007. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

NASCIMENTO, M. V. O. Escrever como homem ou escrever como mulher?: relações entre a autoria feminina e o cânone literário. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Associação Nacional de História, 2015. p. 0 - 0. Disponível em: <<http://www.snh2015.anpuh.org/site/anaiscomplementares#N>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

NOVAES, E. D. Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história. **História e Cultura**, Franca, v. 4, n. 3, p.50-66, dez. 2015. Disponível em: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1691>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

PERROT, M. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, 1995.

POTIGUARA, E. **Metade cara, metade máscara**. Lorena: DM Projetos, 2018.

ROSA, A. B. **#LeiaMulheres**: Como o mercado editorial perpetua a desigualdade de gênero na literatura. 2016. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/07/04/leiamulheres-como-o-mercado-editorial-perpetua-a-desigualdade_a_21686017/>. Acesso em: 13 nov. 2018.

SILVA, M. B. N. Transmissão, conservação e fusão cultural no Rio de Janeiro (1808-1821). **Revista de História**, São Paulo, n. 97, p. 154-159, jan./mar., 1974. Disponível em: <<http://revhistoria.usp.br/index.php/br/edicoes/238-rh-97>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SHELLEY, M. **Frankenstein**. São Paulo: Mediafashion, 2017.

STAMATTO, M. I. S. Um olhar na historia: a mulher na escola (Brasil: 1549 – 1910). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2002, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/node/85>>. Acesso em: 13 nov. 2018.

STEFFENS, N. K. *et al.* Social group memberships in retirement are associated with reduced risk of premature death: evidence from a longitudinal cohort study. **BMJ Open**, Brisbane, v.

6, n. 2, p. 1-9, 2015. Disponível em: <<https://bmjopen.bmj.com/content/6/2/e010164>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

WARD, M. A. The influence of women's clubs in New England and in the Middle-Eastern States. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Pensilvânia, v. 28, p. 7-28, set. 1906. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1010955>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

YOUSZFAI, M.; LAMB, C. **Eu sou Malala**: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ZINANI, C. J. A. Produção literária feminina: um caso de literatura marginal. **Antares: Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, v. 2, n. 6, p. 183-195, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/3059>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

Artigo submetido em: 20 nov. 2018